

OS CAFEZAIS SE MOVEM

Afetadas pelas mudanças climáticas, plantações de café devem migrar novamente nos próximos anos em busca de condições mais apropriadas

Carlos Fioravanti

Em 10 ou 20 anos, caso novas variedades de cafeeiros não ocupem o lugar das atuais, talvez o café produzido no Brasil seja mais amargo, ácido e adstringente. Essa é a conclusão a que se chega a partir de ensaios feitos no Instituto de Pesquisas Ambientais (IPA), de São Paulo, em câmaras que simulam o clima das próximas décadas, com mais gás carbônico (CO₂) na atmosfera e menos água no solo do que hoje. “Com mais CO₂, os cafeeiros poderão fazer mais fotossíntese e ficar mais altos, mas talvez produzam menos frutos”, cogita Douglas Domingues, da USP, que participou dos experimentos, descritos em julho de 2022 na revista científica *Plants*.

É plausível pensar também que as regiões de plantio sejam outras – atualmente, os maiores produtores são Minas Gerais, com quase metade da produção, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Rondônia e Paraná. O canéfora suporta temperaturas mais altas, mas o arábica é mais sensível.

De acordo com simulações de pesquisadores da Universidade Federal de Itajubá (Unifei), em Minas Gerais, detalhadas em janeiro na *Science of the Total Environment*, entre 35% e 75% das terras hoje ocupadas por cafezais podem se tornar inapropriadas, por causa das alterações no



Café robusta amazônico, variedade desenvolvida pela Embrapa adaptada ao clima da região Norte

clima, até o final do século, motivando a busca por terras mais altas e mais frias.

Estudos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) indicaram que as áreas dos cafezais podem encolher, restringindo-se às mais altas do Sudeste, além de ganhar novas terras, ao sul do país, inclusive no Rio Grande do Sul, onde hoje é apenas consumido (ver Pesquisa FAPESP nº 198).

“Precisamos alertar os agricultores sobre como se proteger dos efeitos das mudanças climáticas”, comenta o engenheiro-agrônomo Celso Vegro, do Instituto de Economia Agrícola, de São Paulo. Uma das formas que ele tem estudado é o seguro rural, que cobre perdas decorrentes principalmente de fenômenos climáticos. Vegro verificou que menos de 15 mil dos cerca de 200 mil produtores rurais do estado de São Paulo já adotaram esse mecanismo contra as quebras de safras.

QUASE TRÊS SÉCULOS DE HISTÓRIA NO BRASIL

Depois de ter sido descoberto na África – o arábica na Etiópia, o conilon no Congo e o robusta na Guiné –, o café ganhou a Europa e seus territórios na América do Sul. Em 1727, a pedido do governo português, o oficial Francisco de Mello Palheta (1670-1750) contrabandeou da Guiana, então uma colônia francesa, as primeiras mudas para a cidade de Belém, que na época integrava o chamado estado do Maranhão e Grão-Pará.

“Aparentemente houve grande interesse pela cultura [de café], uma vez [que] se reportou, na alfândega do porto de Lisboa, em 1734, o desembarque de 3 mil arrobas de café providas da Companhia Geral do Maranhão e Grão-Pará”, comenta Vegro em um artigo de janeiro de 2023 na *Revista de Economia Agrícola*.

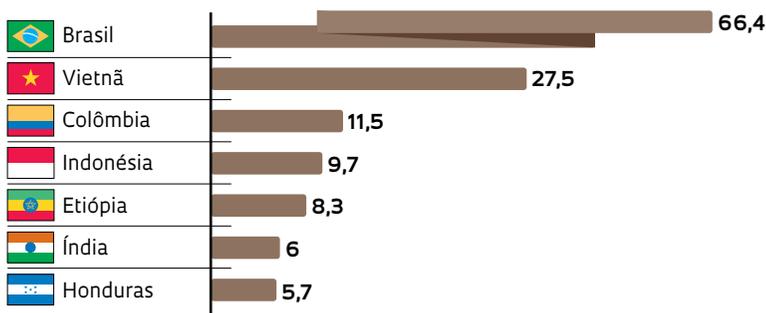
Nos anos seguintes, as plantações se expandiram pelo nordeste brasileiro, rumo ao sul, chegando por volta de 1820 às terras férteis do Vale do Paraíba, entre os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Cantagalo e Vassouras, no Rio, e Areias e Bananal, em São Paulo, tornam-se nessa época grandes produtores, até entrar em declínio no final do século XIX, por causa do esgotamento do solo e da escassez de mão de obra escravizada, com o fim do sistema escravagista.

No século XX, os cafezais tomaram o espaço dos canaviais no estado de São Paulo, promovendo o crescimento e o enriquecimento de cidades como Campinas, Rio Claro, São Carlos e Ribeirão Preto. O largo do Café, o edifício Martinelli e a estação da Luz na capital paulista, a bolsa do Café em Santos e os casarões de muitas cidades e fazendas do interior expressam o auge da economia cafeeira, no início do século XX, quando o fruto era o principal produto da economia brasileira.

Se, por um lado, as plantações de café causaram a destruição de extensas áreas de florestas do inte-

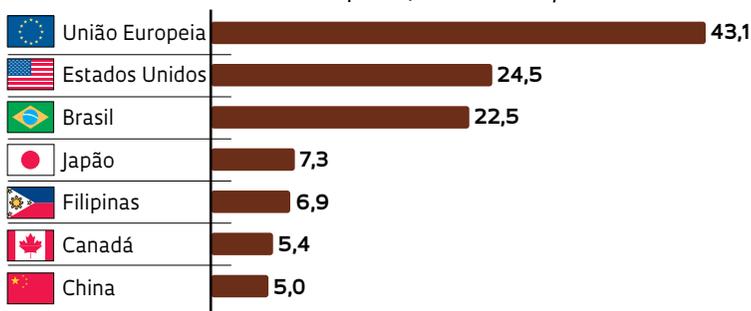
OS MAIORES PRODUTORES...

Em milhões de sacas de 60 quilos, safra 2023/24



... E CONSUMIDORES DE CAFÉ NO MUNDO

Em milhões de sacas de 60 quilos, safra 2023/24



FONTE: DEPARTAMENTO DE AGRICULTURA DOS ESTADOS UNIDOS (USDA)

rior paulista, por outro permitiram a acumulação de capital que promoveu a crescente industrialização do estado, a partir do início do século XX. De São Paulo, o café foi para Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Bahia, Goiás e Mato Grosso.

Desde 2013, com variedades chamadas robustas amazônicas, desenvolvidas pela Embrapa a partir do banco de germoplasma do IAC, os produtores encontraram formas de cultivar café e manter a floresta nos estados de Rondônia e Amazonas (ver Pesquisa FAPESP nº 282).

A produção de café mobiliza 330 mil produtores em quase 2 mil dos 5.568 municípios brasileiros. Como em boa parte do sistema agropecuário brasileiro, na cafeicultura predominam propriedades menores, mas com a produção concentrada nas grandes unidades produtivas. A maior parte das propriedades rurais nas quais se cultiva café no Brasil é pequena (81% do total das unidades colhem até mil sacas por mês) e 95% da produção provém das propriedades médias ou grandes.

Uma peculiaridade da economia cafeeira é o cooperativismo, com 97 cooperativas, responsáveis por 55% da produção nacional e 35% da exportação, de acordo com o Conselho Nacional do Café. ■

Os artigos científicos consultados para esta reportagem estão listados na versão on-line.